

A Imaginação Ativa com o Morto na Elaboração do Luto Patológico¹

Carlos Amadeu Botelho Byington²

Este Moitará está sendo de especial significado para mim, pois além de esta extraordinária eficiência e profundidade, constato a sedimentação ritual de um grande ideal cultural que eu trouxe da Suíça, do Eranos, para o Brasil há quarenta anos e que, em 1978, institucionalizei junto com os meus colegas junguianos brasileiros. Verifiquei também aqui o quanto os Moitarás contribuíram para a minha própria criatividade na missão de difundir o humanismo junguiano no Brasil.

Eu peço a vocês, agora, 1 minuto de silêncio para reverenciarmos nossos mortos, como ritual preparatório de entrada no território da morte.

Apresentei no 1º Moitará, em 1978, uma palestra sobre o enfoque simbólico-arquetípico do rito funerário dos Índios Bororo, seguindo a orientação da antropóloga Sylvia Caiuby Novais, que, com muita satisfação, reencontrei agora, como conferencista neste Moitará.

Após aquela minha palestra, tenho escrito bastante sobre o Arquétipo da Morte, e cheguei mesmo, ultimamente, a concebê-lo dentro do Arquétipo da Vida e da Morte como uma das principais polaridades do Arquétipo Central do Self. Nesses escritos, venho considerando cada vez mais a morte presente em todas as transformações da vida, seguindo as idéias de Sabina Spielrein, que tanto influenciaram as concepções teóricas de Jung e de Freud sobre a morte, no início do século 20.

Depois daquele primeiro Moitará, estive em Salvador e conheci o ritual dos Eguns, da cultura Iorubá-Nagô. Familiarizando-me com a vivência esotérica da morte nesses rituais, no Espiritismo, no Livro Tibetano dos Mortos, o Bardo Todol, em outras mitologias, nas minhas tradições cristãs, nos meus próprios sonhos e vivências e nos de meus pacientes, continuei a obra de Jung e de Neumann e comecei a trabalhar com a Imaginação Ativa com os mortos em casos de luto patológico.

A primeira grande dificuldade para se trabalhar com os símbolos da morte dentro

¹ Palestra de encerramento apresentada no XVIII Moitará, *REFLEXÕES SOBRE A MORTE NO BRASIL*, Campos de Jordão, 26 a 28 de novembro de 2004.

² Médico psiquiatra e analista junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Educador e Historiador. Criador da Psicologia Simbólica Junguiana. E-mail: c.byington@uol.com.br. Site: www.carlosbyington.com.br

da psicoterapia científica é a transgressão da fronteira da interdição que os cerca. A Consciência individual e coletiva tem normalmente uma região com interdições dentro da Persona. São áreas tabu, que têm sido identificadas com o inconsciente, mas que podem também ser conscientes. A região culturalmente interdita contribui para reforçar a inércia da Consciência, que cultiva a tradição e resiste ao novo. O crime, a fidelidade conjugal, a identidade sexual, o pecado, a agressividade, a criatividade, o sagrado, a loucura e, sobretudo, a morte são alguns desses tabus. Essa interdição, situada na Persona, pode ser muito intensa quando fundamentada na ciência. Nesse caso, qualquer estudo dentro do território interdito pode ser estigmatizado de esotérico e não científico. Ao tratar da vivência de totalidade dentro da Psicologia, por exemplo, Jung foi considerado místico, em detrimento da sua competência científica. Dessa maneira, a ciência tem banido, com forte patrulhamento ideológico, os cientistas que se arvoram a estudar vivências situadas no terreno da fé.

O processo de globalização disseminou pelo Planeta a Sombra cultural do Ocidente, que reuniu a tecnologia industrial e a economia de mercado sob a hegemonia avassaladora do consumismo. O poder e a ética a serviço do consumo banalizaram todos os valores culturais e fomentaram extraordinariamente as transgressões. Tudo passou a ser descartável, inclusive o respeito pela vida humana. O livre mercado, tendo como valor supremo o faturamento e o lucro, exortou a competitividade a tal ponto que freqüentemente as relações profissionais nas instituições transformam-se num duelo terrível dentro do cotidiano. O desenvolvimento tecnológico a serviço da espionagem industrial e o grampeamento telefônico dentro do amor, dos negócios e da política, tornaram-se, hoje, procedimentos usuais. A liberdade sem limites, a corrupção e a exposição desabrida da sexualidade e da violência nos meios de comunicação favorecem o desrespeito da intimidade. O Estado, fragilizado, torna-se incompetente para manter a ordem, e as intervenções repressivas circunstanciais exageradas dão margem a reações armadas, expressas no terrorismo político, que, por sua vez, ameaça com a regressão ao estado totalitário. Por outro lado, as drogas, a prostituição e o jogo, com sua alta rentabilidade dentro do consumismo desenfreado, retroalimentam a corrupção, o vício e a violência, numa espiral progressiva. Essa desestruturação do que foi construído de melhor na civilização acompanha a devastação ecológica e ameaça a viabilidade da espécie. A banalização da destrutividade traz uma indiscriminação da polaridade vida e morte, e os rituais que as separam e cultuam se enfraquecem. Lidar com os símbolos da morte e ritualizá-los na separação e interação da morte com a vida tornaram-se, hoje, salvaguardas de importância fundamental para a preservação da vida espiritual, apesar

de isso ser especialmente difícil dentro do atual nigredo cultural.

As culturas têm rituais para facilitar a elaboração dos símbolos dentro da zona interdita. Esses rituais são geralmente esotéricos. Frequentemente, eles incluem processos de desapego, que favorecem a separação da Consciência da inércia de suas posições habituais, como é o caso dos mantras ou das orações repetitivas, que indiscriminam a Consciência.

No entanto, os rituais correm sempre o perigo de, ao invés de propiciar a vivência dos símbolos na zona interdita, ser enfraquecidos e absorvidos pela inércia da Persona. É comum, nas missas católicas de sétimo dia, por exemplo, as pessoas irem à Igreja para cumprir uma obrigação social meramente formal. Por isso, os rituais incluem também práticas para enfatizar componentes dos símbolos a serem elaborados, como, por exemplo, as escarificações feitas pelos índios Bororo para vivenciar a dor da separação na morte. Caso tivéssemos, junto às pias de água benta, pedaços de conchas para escarificação durante as nossas missas de sétimo dia, certamente os participantes sentiriam mais de perto a dor pela perda do morto homenageado.

O impulso criativo do Arquétipo Central luta contra a inércia da Consciência através da função estruturante da transgressão, que lança mão de todas as funções estruturantes possíveis para ultrapassar o limiar das interdições. Ao fazê-lo, amplia enormemente sua ação estruturante da Consciência, sobretudo quando se alia à imaginação, pois, assim, ela pode desenvolver a cultura e elaborar muitos símbolos nas dimensões do território interdito. Dentro dele, porém, está o inconsciente reprimido descoberto pela Psicanálise e que apresenta a inércia com resistência defensiva e inúmeras outras defesas que podem desencadear atuações extraordinariamente destrutivas da Sombra.

Como já mencionei, a morte habita a região interdita, devido ao mistério e ao sofrimento que a acompanham, e, por isso, sua elaboração torna-se ainda mais difícil quando a cultura vai se distanciando dos rituais que propiciam seu confronto. O luto patológico ocorre, assim, em função da incapacidade de elaboração do símbolo da morte. Tratam-se de casos de neuroses que podem ser graves e desencadear quadros depressivos profundos, com reações psicóticas suicidas. Frequentemente, o Self deforma-se na depressão e até no suicídio quando é forçado pela tradição psicológica, ancorada na ciência materialista, a se comprimir dentro da Persona agnóstica e admitir que a morte é o fim da vida.

Para elaborar esta fixação, a regressão deve ser propiciada dentro de um ritual psicoterápico para transgredir a fronteira da interdição através da imaginação em duas dimensões importantes. Uma pertence à interdição defensiva, da Sombra, e a outra diz

respeito à interdição da ciência materialista diante da ciência simbólica. Apesar de afastadas dois mil anos, a relação entre o método científico e a prática junguiana na terapia do luto revive o diálogo de Nicodemos com Jesus. Nicodemos ouve falar na transformação e no renascimento, e pergunta a Jesus como poderá entrar na sua mãe e renascer, se já é adulto? Ao que Jesus responde que o renascimento não é na carne, e sim no espírito.

A essência do humanismo junguiano é que a verdade da Psique revela-se por seus próprios símbolos na imaginação. Nesse sentido, a terapia junguiana da morte expressa essa verdade pelas afirmações do morto sobre a sua relação com os vivos. O que vim relatar a vocês é que a própria expressão do morto, que emerge da profundidade da dor do luto, configura a vivência da vida além da morte como a verdade científica fenomenológica da Psique.

Como todas as dimensões da vida que são muito importantes, mas ainda grandemente desconhecidas pela ciência, a dimensão da morte tem sido abordada na dimensão esotérica, sobretudo religiosa. A dimensão esotérica, no entanto, elabora os símbolos de forma limitada, por não discriminar o Ego do Outro além de certo ponto e por preencher as lacunas do desconhecido com discriminações Ego-Outro facciosas. A ciência tradicional, por aferrar-se exclusivamente à objetividade, torna-se impedida de qualquer elaboração. Em contrapartida, a ciência simbólica vai muito além, pelo fato de elaborar quaternariamente a polaridade Ego-Outro na Consciência e na Sombra através da posição dialética do Arquétipo da Alteridade. O que dificulta ao cientista exercer o padrão de alteridade, porém, é o seu preconceito de relacionar igualmente a emoção e a razão dentro de uma ciência simbólica, que configura exatamente a essência do humanismo proposto por Jung.

Na conhecida entrevista à BBC, o jornalista Freeman perguntou a Jung se ele acreditava em Deus, e ele respondeu: “– eu sei, eu não preciso acreditar”. Nessa fala está a essência da Psicologia Simbólica Junguiana. Esse Deus, sobre o qual Jung falou naquele momento, é o Deus vivo dos gnósticos, e este mesmo Deus se torna, com Jung, a vivência da realidade psicológica do Universo, que pode ser estudada pela vida simbólica.

Para adentrar o território interdito e elaborar símbolos da morte dialeticamente dentro da ciência simbólica, temos que lançar mão fartamente da imaginação. Isso em si não deveria paralisar a Psicologia, pois muitos marcos na sua História assinalaram o conhecimento da realidade psíquica pela fenomenologia. Assim foi o caso da sugestão, da formação dos sintomas psíquicos, da hipnose, do inconsciente reprimido e da própria

imaginação, no século 19. No caso da morte, porém, o estudo fenomenológico do luto patológico é especialmente difícil, porque lida com uma pessoa querida, o que torna sua abordagem muito dolorosa.

As técnicas expressivas são muito produtivas na elaboração simbólica, porque são rituais criativos para transgredir, através da imaginação, as fronteiras cultural ou defensivamente interditas. Baseando-se na descoberta de Jung, os analistas junguianos empregam freqüentemente a técnica expressiva da Imaginação Ativa para elaborar símbolos fixados e não fixados. Este método só pode ser aplicado por analistas que já o tenham vivenciado intensa e extensamente em suas análises didáticas, pois tem grande poder de mobilização emocional, e, por isso, só deve ser aplicado em pacientes com estruturas defensivas neuróticas, devido ao perigo da psicotização. Na psicoterapia junguiana, esses rituais são vividos para elaborar símbolos, expressões da essência da alma, vivências únicas, que necessitam ser compreendidas como manifestações profundas do Self. Assim, a Imaginação Ativa não é um mero desempenho dramático de papéis tecnicamente intercambiáveis entre o Ego e o Outro e de fácil intelectualização e, por conseguinte, a troca de papéis não tem cabimento. O seu emprego com os símbolos da morte e dentro da emoção do sofrimento mobiliza uma extraordinária carga arquetípica, que transcende a fronteira interdita da inércia na dimensão espaço-tempo e, desta maneira, tem um alto poder transformador da personalidade. A indiscriminação da polaridade vida e morte deve ser a todo custo evitada, pois ela é o caminho para o surgimento da defesa psicótica. Em função desse fato, todo ritual sobre a morte enfatiza, em primeiro lugar, a perda do corpo e a destruição trazida pela morte. Entre os Bororo, isso acontece colocando-se o corpo no meio da aldeia e regando-o diariamente para favorecer a putrefação. Desta forma estabelece-se a identidade de cada pólo da polaridade. Vivo é vivo, morto é morto. Vida é vida. Morte é morte. Só depois de trinta dias areiam-se os ossos, que, ao ficarem imaculadamente brancos, são adornados com plumas para expressar a vida da alma após a morte.

Na mitologia, a entrada abrupta da morte na vida pode ser equivalente à catástrofe, como uma representação mitológica da psicose. Na mitologia Assíria-Babilônica, por exemplo, Gilgamesh é cortejado pela deusa Ishtar, mas repudia o seu amor. Furiosa, ela envia contra ele o touro divino, que é morto pelo herói. Desesperada de ódio, a deusa exige de Anu, o deus maior, a vida de Enkidu, o grande amigo e amor de Gilgamesh. Caso seu desejo não seja atendido, ela ameaça pedir a liberação dos mortos à sua irmã Ereshikal, a deusa do Mundo Subterrâneo. Apavorado, Anu cede e Enkidu morre.

Achar que o morto está vivo durante a Imaginação Ativa pode transformar-se numa

alucinação e desencadear um surto psicótico.

Em minha prática clínica, observei que muitos pacientes chegavam já medicados ou com receitas de psicofármacos que haviam se recusado a tomar. Devo esclarecer que sou um profundo admirador da tecnologia médica e das descobertas da neurofisiologia moderna. Receito medicação psicotrópica extensamente no consultório. Recuso-me terminantemente, porém, a fazer uma psiquiatria que receita para quadros clínicos e sintomas sem compreender a psicodinâmica de suas defesas, quer tenham, ou não, componentes genéticos.

O emprego da Imaginação Ativa com o morto revelou-me três fatos extraordinários: o primeiro foi verificar que a dificuldade de transgredir a zona de interdição cultural científica é geralmente maior que a de confrontar a dor da perda, principalmente se o paciente tiver formação universitária e se ele se considerar agnóstico. A maioria dos pacientes, inicialmente, reagiu aversivamente à proposta da Imaginação Ativa com o morto, acreditando ser ela uma prática espírita. Foi necessário explicar-lhes que se tratava de uma técnica expressiva científica psicológica descoberta por Jung, e não de qualquer prática esotérica. O segundo foi uma revelação surpreendente: a convivência com a morte na imaginação trouxe, em praticamente todos os casos, um grande alívio imediato para a dor da perda e diminuiu prontamente as manifestações depressivas defensivas do luto e o perigo do suicídio, os quais, freqüentemente, uma intensa medicação psicofarmacológica em nada havia alterado. O terceiro acontecimento inesperado por mim, mas que se mostrou freqüente nesta elaboração foi a transformação do morto num guia espiritual, com uma sabedoria maior do que tinha em vida. Nessa descoberta, parece estarmos diante de mais um caso na história da Medicina, em que o estudo da patologia nos levou a desvendar uma característica normal até então desconhecida. Em alguns casos, o morto manifestou-se em sonhos, o que aliviou o sofrimento dos pacientes, consolou-os e orientou-os com grande habilidade e eficácia. Penso estarmos diante da expressão do Arquétipo do Guia Espiritual, interditado pela ciência materialista junto com a desqualificação do subjetivo na verdade científica. Como sabemos, este arquétipo é o grande mediador da vivência da transcendência. No meu caso particular, o aprendizado da Imaginação Ativa com o Cristo, com o qual sonhei durante minha análise em Zurique, levou-me à descoberta da vida mística, que eu jamais imaginara possuir.

Ao transgredir a interdição tradicional científica e conviver com os mortos na Imaginação Ativa, senti que a falta de intimidade com a morte, pelo impedimento da imaginação dentro da Ciência, é a grande causa de as pessoas, que não têm a fé

esotérica, não poderem vivenciar o Arquétipo da Morte naturalmente, como passagem e transformação na interação com o Arquétipo da Vida. Ao não poderem fazê-lo, vivenciam a perda trazida pela morte de maneira patológica na depressão defensiva e suicida. Quando vivenciamos a morte como o fim de tudo, ficamos atormentados e acuados pela finitude e pelo envelhecimento, e impedidos de recorrer à ciência psicológica para nos prepararmos para a vivência da eternidade e do infinito. Até mesmo a linha de frente da Psicologia moderna, apesar de admitir algo de criativo no luto prolongado e de começar a vivenciar a fantasia da morte como realidade psíquica, ainda hesita em aceitar a dor do luto como a expressão da passagem da Psique para a dimensão da morte.

Somente depois dessa experiência com os mortos na Imaginação Ativa pude compreender por que o Buddha desapegou-se dos valores materiais para buscar a iluminação na eternidade, quando viu de perto a doença, a velhice e a morte. Compreendi, também, as palavras de Jesus, sobre ser Ele um guia para a vida além da morte.

Ao concluir, quero acrescentar que a ideologia consumista, que tomou conta do processo de globalização e está conduzindo nossa espécie à inviabilidade ecológica, é o triste resultado da evolução tecnológica e industrial, que acompanhou o desenvolvimento da Ciência na sua alienação materialista. Vivemos hoje o luto patológico na dimensão planetária, quando tantos de nossos irmãos e irmãs são diariamente violentados e assassinados em nossa cidade e em outras tantas. A banalização, a indiferença e a negação de suas mortes transforma-os em almas penadas que invalidam espiritualmente o processo civilizatório. Essas almas penadas não ouvidas, cujas mortes não são confrontadas, assombram e atormentam a humanidade no luto patológico coletivo da depressão e da desesperança crescentes.

A perda do medo da morte possibilita a convivência com a sabedoria do espírito dos mortos dentro da dimensão simbólica da vida. Este me parece ser o caminho para a Ciência resgatar a alma dentro do saber e reparar o mal que fez à humanidade ao invalidar sua vida espiritual.